

---

## Necropolítica bolsonarista e a performance política midiaticizada da morte nas telas<sup>1</sup>

Rafael Sbeghen Hoff<sup>2</sup>

Universidade Federal do Amazonas  
Universidade Federal de Roraima

### Resumo

O artigo demonstra uma análise do discurso e performance midiática de Jair Messias Bolsonaro, atribuindo uma correlação com a necropolítica em suas aparições como figura política de maior importância para a democracia brasileira. Cruza a análise do discurso e a análise de conteúdo sobre fragmentos audiovisuais dispostos na internet e acessados por diferentes canais (principalmente perfis no Instagram e canais no Youtube) para promover a comparação entre as falas do presidente da República do Brasil e o curso político em voga. Aponta para uma construção imaginária e imagética de um absurdo possível, fundindo distopia e realidade pelas telas.

### Palavras-chave

Audiovisual; Necropolítica; Telas; Audiovisualidades; Discurso.

### Introdução

Os agentes políticos têm se ocupado cada vez mais das performances midiáticas e/ou midiaticizadas, em detrimento do interesse público ou do planejamento estratégico visando o bem comum (CESAR; HOFF, 2017). A figura do homem público (SENETT, 2014) é (re)construída e (re)configurada a partir do espaço que ocupa nos noticiários, nos contextos associados à sua imagem, ainda que as fontes produtoras destes conteúdos não desfrute do reconhecimento público ou dos pares na prestação de serviços de informação com veracidade e respeito à diversidade. Com a popularização dos dispositivos e artefatos da cultura digital favorecendo a circulação e o consumo de produtos midiáticos sem a ancoragem de sentido proporcionada pelas molduras e moldurações (KILLP et al, 2015), conteúdos informativos se misturam a *deepfake*<sup>3</sup>s e material humorístico. O resultado do

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao GP Televisão e Televisualidades do XX Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação – 2020, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Docente da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Roraima (UFRR), vice-líder do Grupo de Pesquisa e Processos Audiovisuais (PROAv – UFRGS) e líder do Grupo de Pesquisa em Processos Imagéticos (PRIMA - UFAM).

<sup>3</sup> Deepfake é o termo empregado para a criação de um produto ficcional, via edição e manipulação digital de imagens (arquivos digitais), em que uma pessoa tem atribuída a ela uma fala, inclusive com a simulação de movimentos faciais

---

processo é um “embaçamento” dos contornos e limites entre a informação jornalística, de opinião e de entretenimento.

O viés de confirmação (CIARELLI; ÁVILA, 2009; MACHADO, 2018) e as bolhas algorítmicas (ARAÚJO; MAGALHÃES, 2018) também influenciam diretamente sobre o processo de percepção da realidade a partir das informações circulantes nas mídias sociais digitais (Facebook, Instagram, Twitter) e nos aplicativos de conversação e compartilhamento de conteúdo (Whatsapp, Telegram, etc.), sem que o grande público tenha domínio sobre essas orientações, limitações e enquadramentos performáticos escondidos na “caixa preta” dos dispositivos (FLUSSER, 1985).

Propõe-se aqui analisar as manifestações midiáticas da figura política mais importante para a soberania nacional: o presidente da República. A partir de textos imagéticos, audiovisuais acompanhados de palavras sonoras ou escritas (legendas, descrições), captados sob a proposta metodológica que a pesquisadora Fernanda Bruno (2012) chama de rastros digitais, selecionamos fragmentos que formam a nossa coleção. Esse exercício de flânerie (BENJAMIN, 1996, 2006), a partir do sensível e do empírico, é acionado para constituir o objeto sobre o qual nos debruçamos. Nesses fragmentos são aplicadas análises de conteúdo (FRANCO, 2005; AUMONT, 2003; PENAFRIA, 2009), do discurso (PECHÊUX, 2002; ORLANDI, 2003; MAZIÈRE, 2007) e semiótica (PIETROFORTE, 2008) para, então, dialogar com o conceito de necropolítica apresentado por Mbembe (2018).

Os fragmentos são colhidos de passeios e navegações por perfis informativos na plataforma Instagram, entre janeiro de 2019 e outubro de 2020. A partir dos temas e conteúdos informativos que despertam a sensibilidade deste autor sobre o tema necropolítica na performance do presidente eleito no Brasil nesses canais, outros percursos na rede são experimentados, a partir de hiperlinks (FRAGOSO, RECUERO, AMARAL, 2011). Esse ato de navegar entre páginas e perfis em mídias sociais digitais não esboça uma pretensão prévia de garimpar este ou aquele discurso, mas performar o exercício de mover-se por entre as opções a partir do sensível, daquilo que desperta a atenção e convoca a um olhar mais atento por parte do navegador. A curiosidade, os afetos, as memórias e os valores do sujeito internauta são convocados a servir ora de

---

e bucais, bem como de elementos sonoros que remetem ao timbre de voz e ritmo de fala. O resultado, de difícil detecção, por vezes é tomado como “verdade” pelo desconhecimento dos consumidores médios dos conteúdos na web.

baliza para credibilidade e interesse, ora como filtro e escudo no sentido de proteção às notícias falsas e/ou distorcidas, sem nenhuma convicção sobre a eficácia da estratégia.

Jair Messias Bolsonaro foi eleito em 2018 com 57,7 milhões de votos (55,1%), assumindo a presidência da República em janeiro de 2019, a partir de uma campanha pautada por um discurso conservador sobre questões morais, com apologia à facilidade do “cidadão de bem” em adquirir armas<sup>4</sup> para proteger seu patrimônio e sua família; liberal<sup>5</sup> sobre questões econômicas; de negação às políticas afirmativas<sup>6</sup> em defesa das minorias e dos grupos sociais em situação de fragilidade e fomento à exploração e desenvolvimento econômico<sup>7</sup> da região amazônica em detrimento da preservação ambiental. Com frases de efeito e performances midiáticas, o político em questão parece investir de maneira consciente e planejada em sua presença diante do eleitorado, ainda que por vezes a seriedade do tema político deslize para o deboche e o espetáculo (CIOCCARI; PERSICHETTI, 2018) ou para indisposições<sup>8</sup> com outras lideranças políticas do mundo.

Tão improváveis quanto as peripécias de um personagem de ficção em um roteiro bem elaborado, em 2020 as ações presidenciais diante da maior pandemia enfrentada nos últimos séculos pela humanidade têm desafiado a racionalidade - inclusive de apoiadores do governo - e tangenciado o *non sense*. Contabilizando mais de 150 mil mortes<sup>9</sup> por Covid-19 desde que a pandemia foi oficializada pela Organização Mundial da Saúde no início deste ano (dados de outubro de 2020, momento da escrita deste artigo), traduzidos por uma média de 995 mortes por dia<sup>10</sup>, o Brasil coleciona ainda algumas “desventuras” no percurso de combate à proliferação da doença: 1) três ministros exonerados desde o início da pandemia (Ricardo Barros, Luiz Henrique Mandetta, Nelson Teich); 2) contar, no momento da escrita deste artigo, com um ministro - General Eduardo Pazuello

<sup>4</sup> Conforme reportagem do jornal Le Monde Diplomatique, disponível em <https://diplomatie.org.br/o-discurso-politico-de-bolsonaro-cidadaos-de-bem-seguranca-e-moral/>

<sup>5</sup> Conforme reportagem do portal Seu Dinheiro, disponível em <https://www.seudinheiro.com/2019/jair-bolsonaro/o-discurso-mais-liberal-ja-feito-por-bolsonaro/>

<sup>6</sup> Como registra reportagem do portal de notícias G1, do grupo Globo, disponível em <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/24/cada-vez-mais-o-indio-e-um-ser-humano-igual-a-nos-diz-bolsonaro-em-transmissao-nas-redes-sociais.ghtml>

<sup>7</sup> Conforme reportagem do site Exame, disponível em <https://exame.com/brasil/bolsonaro-faz-discurso-combativo-na-onu-e-cita-falacias-sobre-amazonia/>

<sup>8</sup> Como sinaliza a reportagem do jornal El País, disponível em [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/15/politica/1565898219\\_277747.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/15/politica/1565898219_277747.html)

<sup>9</sup> Conforme dados divulgados pela BBC News Brasil, disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-54478219>

<sup>10</sup> Estatística apresentada pelo site de notícias UOL, disponível em <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/08/03/coronavirus-covid-19-casos-mortos-3-agosto.htm>

- que se admite “leigo<sup>11</sup> em assuntos de saúde”; 3) manter a postura favorável à receita de hidroxiclороquina<sup>12</sup> no tratamento de pacientes infectados pelo coronavírus, ainda que a eficácia do medicamento tenha sido descartada<sup>13</sup> por autoridades da área da saúde. Isso é acompanhado na mídia das frases<sup>14</sup> pronunciadas sobre o tema pelo próprio presidente da República: “superdimensionado”, “gripezinha” e “vamos todos morrer um dia” em março de 2020; “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre”, tratando sobre o número recorde de mortes por covid-19 naquele dia de abril; “cobre do seu governador”, falando que a responsabilidade por políticas de combate à disseminação - como fechamento de comércio e proibição de atividades ao ar livre - seria dos governadores e não do governo federal, em junho.

Tal performance, tomada aqui como o exercício do papel social que o sujeito é imbuído pelos processos democráticos de representação ao assumir cargos públicos, em especial aqueles que têm como responsabilidade o direcionamento e implementação de ações visando o respeito às leis, às instituições e ao bem comum, pode ser interpretada por atitudes que contradizem a razão, a polidez e o decoro político. Por tratar-se de atitude recorrente, também sinaliza a premeditação e/ou a despreocupação com as possíveis consequências das ações por ele performatizadas na condição de presidente da República. O tratamento, dispensado pela mídia aos atos e falas, toma por vezes o caráter cômico e humorístico ou, pelo menos, absurdo em contraste ao senso comum do que se espera do homem público.

A aproximação entre entretenimento e política rompe com os ideais clássicos de espaço público e democracia, enfraquecendo a oposição outrora sagrada institucional e funcionalmente entre informação e diversão (LEROUX; RIUTORT, 2013). Se a política foi, durante muito tempo, considerada um conteúdo nobre, tal posição foi gradativamente sendo comprometida por seu grande potencial em termos de audiência, extrapolando as fronteiras do jornalismo para se inserir em outros espaços, como o do entretenimento, misturando distração e conscientização em uma abordagem popular da política (BRANTS, 2003). (CESAR; HOFF, 2017, p. 6)

---

<sup>11</sup> Como registra a reportagem do portal de notícias R7, disponível em <https://noticias.r7.com/saude/quem-e-eduardo-pazuello-o-general-que-assumira-por-enquanto-o-ministerio-da-saude-16052020>.

<sup>12</sup> Como registra a reportagem do site de notícias UOL, disponível em <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/07/31/bolsonaro-cloroquina-bage-aglomeracoes.htm>.

<sup>13</sup> Como reforçam as fontes da reportagem da CNN Brasil, disponível em <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2020/06/05/covid-19-britanicos-encerram-testes-e-apontam-hidroxiclороquina-como-inutil>.

<sup>14</sup> Como registra o material midiático produzido pelo canal público londrino BBC e disponível em português no link <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53327880>.

---

Essa performance política e midiática do agente político parece afinada com aquilo que Senett descreve como um dos elementos que desgastam e fragilizam o papel do homem público, associado a uma linguagem e uma comunicação afetiva, sentimental, que esvazia os aspectos racionais da tomada de decisão. O autor conceitua os artifícios do homem público no tratamento de questões de interesse público pelo viés emocional:

sinceridade a exposição em público daquilo que é sentido em particular; por autenticidade, a exposição direta a outrem das próprias tentativas de uma pessoa ao sentir. As modalidades da autenticidade apagam as distinções entre público e privado. As ideias de que a humanidade poderia consistir em manter sentimentos ofensivos para com outra pessoa, de que disfarce e autorrepressão podem ser moralmente expressivos, deixam de ter sentido, sob a égide da autenticidade. Ao invés disso, o autodesvendamento se torna medida universal de credibilidade e de verdade (SENETT, 2014, p. 27)

Para o autor, esse investimento em autenticidade e sinceridade provocam um deslizamento do âmbito do privado sobre o público, ainda mais quando performado por um agente político. No caso de Jair Messias Bolsonaro, as expressões e frases atribuídas aos sentimentos, uso de palavras de baixo calão ou consideradas ofensivas têm constituído essa “aura” que, por sua vez, reforça uma marca de distinção aos políticos que o antecederam no cargo. A popularização da política se dá pela figura bufônica de um presidente que é tomado por “gente como a gente” no imaginário social.

O esvaziamento de argumentos racionais e da noção de esfera pública no que diz respeito ao campo social político traz outras implicações à prática de governança sobre o Brasil: a implementação de uma necropolítica.

## **Desenvolvimento**

Achille Mbembe, filósofo e historiador camaronês, escreveu em seu ensaio sob o título de Necropolítica, publicado no Brasil pela primeira vez na revista Arte & Ensaios da UFRJ em 2003, uma leitura atualizada e aplicada dos conceitos foucaultianos de biopoder em regimes governamentais modernos. Para ele, a política de morte seria sintetizada pelo exercício legitimado dos governos de decidirem quem tem o direito de viver ou morrer.

Na atualização proposta por Mbembe (2018), para se constituir esse necropoder precisa de condições específicas, construídas a partir de discursos e manipulações do imaginário social:

relaciono a noção de biopoder de Foucault a dois outros conceitos: o estado de exceção e o estado de sítio. Examino essas trajetórias pelas

quais o estado de exceção e a relação de inimizade tornaram-se a base normativa do direito de matar. Em tais instâncias, o poder (e não necessariamente o poder estatal) continuamente se refere e apela à exceção, emergência e uma noção ficcional do inimigo. Ele também trabalha para produzir semelhantes exceção, emergência e inimigo ficcional. (MBEMBE, 2018, p. 128)

Esse inimigo, construído discursivamente, pode ser identificado em diferentes momentos<sup>15</sup> e falas do atual presidente: “esquerdistas”, “comunistas”, “gaysistas”, “corruptos”. A adjetivação negativa da política de esquerda e seus agentes pavimentou a ideia de renovação, de retomada e de mudança proposta por Jair Messias Bolsonaro durante a campanha (SOLANO, 2018; PARZIANELLO, 2020). O mesmo discurso é mantido, com menor vigor, durante o mandato, já que em 2020 o mundo enfrenta a pandemia por coronavírus, que provoca a Síndrome Aguda Respiratória (SARS Covid-19). Sem vacina ou remédio comprovadamente eficaz no tratamento de pacientes graves, o combate à disseminação do vírus passa por medidas de isolamento social, conforme recomendação das autoridades médicas mundiais (Organização Mundial da Saúde).

Uma vez que a necropolítica de Mbembe se relaciona direta e indiretamente com o direito exercido sobre a vida dos corpos na sociedade, pode-se identificá-la na política bolsonarista ao enxergar o descaso perante à população, frequentemente exposto nos atos e falas do presidente. A exemplo disso, no dia 28 de abril de 2020 ao ser questionado sobre o número de mortes - que já ultrapassava os 5 mil - por conta da Covid-19 no Brasil, Bolsonaro responde<sup>16</sup>: “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre”.

Diante de afirmações como essa o representante do poder executivo brasileiro tem por objetivo se eximir da responsabilidade sobre as vítimas da pandemia. Contudo, evidencia-se um discurso carregado por indiferença que, somado à carência de políticas efetivas na prevenção da doença, contribuem com o agravamento da crise no país. Atitudes como comparar o coronavírus a uma “gripezinha” em pronunciamento nacional, não respeitar as medidas de distanciamento social, recomendadas por autoridades

---

<sup>15</sup> Como registrado nos seguintes vídeos, veiculados por canais de TV ou distribuídos em aplicativos e mídias sociais digitais: a) [https://www.youtube.com/watch?v=C2Y\\_emLHWSA](https://www.youtube.com/watch?v=C2Y_emLHWSA) ; b) <https://www.youtube.com/watch?v=UrD5nNfVNDE> ; c) <https://www.youtube.com/watch?v=11MpBB009Q4> ; d) <https://www.youtube.com/watch?v=rpUnNyE8ztU> .

<sup>16</sup> Como registrado pela reportagem da revista Isto É e disponível em <https://istoe.com.br/e-dai-eu-sou-messiasmas-nao-faco-milagres/> .

médicas, ao andar sem máscara pelas ruas de Brasília e inflamar apoiadores de movimentos antidemocráticos como visto<sup>17</sup> no dia 3 de Maio de 2020 não condizem com a imagem que se espera de um líder e, portanto, convergem com conceitos apresentados por Mbembe (2018).

o biopoder parece funcionar mediante a divisão entre as pessoas que devem viver e as que devem morrer. Operando com base em uma divisão entre os vivos e os mortos, tal poder se define em relação a um campo biológico - do qual toma o controle e no qual se inscreve. Esse controle pressupõe a distribuição da espécie humana em grupos, a subdivisão da população em subgrupos e o estabelecimento de uma censura biológica entre uns e outros. Isso é o que Foucault rotula com o termo (aparentemente familiar) “racismo”. (MBEMBE, 2016, p. 128)

Esse racismo, como explica o autor, é atualizado e transcende questões étnicas ou de cor da pele para expressar uma nova percepção do conceito, muito mais associada às questões sociais e de classe econômica.

Arendt localiza suas raízes na experiência demolidora da alteridade e sugere que a política da raça, em última análise, está relacionada com a política da morte. Com efeito, em termos foucaultianos, racismo é acima de tudo uma tecnologia destinada a permitir o exercício do biopoder, “aquele velho direito soberano de morte”. Na economia do biopoder, a função do racismo é regular a distribuição de morte e tornar possível as funções assassinas do Estado. Segundo Foucault, essa é “a condição para a aceitabilidade do fazer morrer”. (MBEMBE, 2018, p. 128)

Ainda em março de 2020, quando se foi anunciada a necessidade de uma quarentena no Brasil por conta da pandemia do COVID-19, Jair Messias Bolsonaro já demonstrava sua postura negacionista e racista, segundo a proposta de Mbembe (2018), em um discurso recheado de argumentos errôneos e imprecisos e entrelaçado com ideais neoliberais: a urgência de priorizar a economia em detrimento de vidas (principalmente periféricas). Junto com grandes empresários, o discurso em defesa à economia foi adotado pela parcela da população brasileira que apoia as ideias econômicas liberais de Bolsonaro. Falas como a do dono do restaurante Madero<sup>18</sup>, Júnior Durski: "Não podemos parar por

---

<sup>17</sup> Conforme registro da reportagem do site de notícias G1, disponível em <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2020/05/03/bolsonaro-volta-a-apoiar-ato-antidemocratico-contra-o-stf-e-o-congresso-em-brasilia.ghtml>.

<sup>18</sup> Registrada em <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/03/23/coronavirus-dono-do-madero-critica-fechamento-parcial-do-comercio.htm>.

causa de cinco ou sete mil pessoas que vão morrer.", ou do dono das lojas Havan<sup>19</sup>, Luciano Hang: "O dano na economia vai ser muito maior do que na pandemia [...].", escancaram a perversidade dos grandes empresários que compartilham dos mesmos ideias do presidente da República.

Tratando da política de morte de Jair Messias Bolsonaro, há de se levar em consideração o aspecto da negação e omissão estatal ao direito à informação. Em março de 2020, início da pandemia, o presidente declara<sup>20</sup> em rede nacional a transparência governamental sobre as ações e medidas tomadas no combate à pandemia. Porém, em junho do mesmo ano, o governo opta pelo silenciamento<sup>21</sup> a respeito do número de vítimas fatais da Covid-19 no país. Sem informação e manipulando dados oficiais, o governo implica sobre essa fonte jornalística uma intervenção direta na intenção de diminuir o impacto negativo das mortes sobre o próprio governo, como se isso fosse dificultar de alguma forma a prática dos grandes veículos ou o processo de acompanhamento das ações governamentais a respeito da saúde pública. A iniciativa resultou na articulação entre diversos veículos de comunicação que formaram um consórcio<sup>22</sup> para levantar e tratar os dados sobre a pandemia, apesar da negligência governamental.

### **Considerações**

A carreira política de Jair Messias Bolsonaro se estrutura com base em uma série de concepções conservadoras, antidemocráticas e que remetem a uma espécie de eugenismo camuflado em um discurso duvidoso que visa “defender” os direitos do chamado popularmente de “cidadão de bem”. Expressões<sup>23</sup> como “As minorias se adequam ou simplesmente desapareçam” tornam impossível não vincular as concepções do presidente ao conceito de Estado de Exceção que Achille Mbembe trabalha.

---

<sup>19</sup> Registrada em <https://economia.uol.com.br/colunas/carla-araujo/2020/03/23/luciano-hang-medidas-governo-coronavirus.htm> .

<sup>20</sup> Como registrado pela TV Brasil e disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Jx5cKga8eh4> .

<sup>21</sup> Como divulgado pelo jornal El País em reportagem disponível no link <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-06/governo-bolsonaro-impoe-apagao-de-dados-sobre-a-covid-19-no-brasil-em-meio-a-disparada-das-mortes.html> .

<sup>22</sup> Como registra o jornal Folha de São Paulo na reportagem disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/06/veiculos-de-comunicacao-formam-parceria-para-dar-transparencia-a-dados-de-covid-19.shtml> .

<sup>23</sup> Como registrado e disponível em <https://youtu.be/BCkEwP8TeZY>



Segundo Mbembe, a aceitação deste discurso necropolítico se dá na medida em que um Estado de Exceção é constituído:

A percepção da existência do outro como um atentado contra a minha vida, como uma ameaça mortal ou perigo absoluto, cuja eliminação biofísica reforçaria o potencial para a minha vida e segurança, eu sugiro, é um dos muitos imaginários de soberania, característico tanto da primeira quanto da última modernidade. (MBEMBE, 2018, p.129-129)

Ontem o inimigo era a esquerda política que governou o país entre 2003 e 2016, com os presidentes Luis Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff, respectivamente, por dois mandatos cada um (o segundo mandato de Rousseff foi interrompido por um processo de Impeachment). Hoje, essa construção de um inimigo imaginário é atualizada pela pandemia do coronavírus. Essa atualização se dá de maneira truncada, uma vez que o governo Bolsonaro insiste em um alinhamento com o governo de Donald Trump, dos Estados Unidos, em questões mais amplas do que a saúde pública. Ainda assim, Bolsonaro se vê adotando posturas improdutivas e arbitrarias<sup>24</sup>, contrariando orientações de especialistas ou tentando distorcer informações a favor de sua gestão e interesses neoliberais, como no caso do pagamento do auxílio emergencial<sup>25</sup> para os trabalhadores afetados pelas políticas de distanciamento social.

As derrotas no âmbito político se somam à imagem negativa que repercute internacionalmente<sup>26</sup>, tornando o presidente Bolsonaro alvo de críticas e diminuindo<sup>27</sup> o grau de confiabilidade em seu governo. A flutuação dos índices de confiabilidade, aprovação e rejeição ao governo federal e à figura do presidente Jair Messias Bolsonaro é fortemente influenciada por medidas populistas como a extensão do auxílio emergencial até o final de 2020, pela conclusão de obras<sup>28</sup> “tomadas” como feitos de seu governo, ainda que projetadas e iniciadas em outras gestões ou por declarações<sup>29</sup> impactantes e raivosas que “transferem” a responsabilidade de medidas com alto impacto na micro

<sup>24</sup> Como registra a reportagem disponível em <https://reporterbrasil.org.br/2020/06/gasto-de-r-15-mi-com-cloroquina-pelo-exercito-nao-teve-aval-do-ministerio-da-saude-diz-mandetta/>

<sup>25</sup> Como registra a reportagem do site de notícias UOL, disponível em <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/06/11/bolsonaro-prega-cautela-com-auxilio-para-nao-virar-paraiso-da-agiotagem.htm>

<sup>26</sup> Como registra o artigo do site UOL, disponível no link <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/rfi/2020/05/21/para-imprensa-europeia-cloroquina-se-tornou-arma-politica-no-brasil.htm> e <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52801691>

<sup>27</sup> Como registrado pela reportagem do jornal Estado de Minas e disponível em [https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2020/06/22/interna\\_politica.1158937/pesquisa-54-da-populacao-avalia-governo-bolsonaro-como-ruim-ou-pessi.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2020/06/22/interna_politica.1158937/pesquisa-54-da-populacao-avalia-governo-bolsonaro-como-ruim-ou-pessi.shtml)

<sup>28</sup> Como o caso da transposição do rio São Francisco, registrado na reportagem do canal Record e disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=IXGvtnIEZi4>.

<sup>29</sup> Como registrado pela reportagem da Rede TV e disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=IXGvtnIEZi4>.

economia para outros agentes políticos. Mais uma vez, a sinceridade e a autenticidade são tomadas como estratégias discursivas para a construção de uma imagem pública do político que “fala o que o povo gostaria de ouvir”, ainda que nenhuma medida efetivamente tenha sido tomada ou percebida pela população na pauta em questão (diminuição do preço dos combustíveis).

A figura política de Jair Messias Bolsonaro é recheada de discursos que aparentam ser obras de ficção de tão surreais para uma pessoa que representa uma nação democrática como o Brasil. Seu governo e assessores diretos, afinados com essa postura, demonstram a mesma orientação necropolítica, como expressa a fala como do Ministro do Meio Ambiente Ricardo Salles, que sugere usar a pandemia para “passar a boiada” em uma reunião ministerial<sup>30</sup> com a liderança de Bolsonaro. A população brasileira é tratada como “gado no pasto”, com o Poder Executivo decidindo quem morre e quem pode viver, mostrando claramente uma elitização presente no discurso neoliberal.

Essa elitização e a determinação de quem deve viver ou morrer é corroborada em outras medidas governamentais, seja no aspecto de omissão, seja no aspecto de uso da máquina estatal em prol da necropolítica bolsonarista. Dois exemplos são tomados aqui para ilustrar a perspectiva: a) em julho de 2020 o presidente veta<sup>31</sup> internet e auxílio facilitado às populações indígenas em meio à pandemia do novo coronavírus; b) em 22 de setembro do mesmo ano, em pronunciamento<sup>32</sup> na Organização das Nações Unidas, sem apresentar provas ou evidências, o presidente declara oficialmente que a responsabilidade pelas queimadas na Amazônia e Pantanal, registradas naquele ano, são causados por índios e caboclos. A partir dessa declaração, o presidente continua implementando uma postura de “construção” do inimigo imaginário, eximindo o governo federal da fiscalização e combate aos crimes ambientais (afinado com políticas de ampliação das áreas de plantio e agropecuária no país), reforçando uma perspectiva antropocêntrica, eugenista e genocida. Além disso, descaradamente, o representante oficial da República mente ao associar o auxílio emergencial pago à população de baixa renda ao índice de “aproximadamente mil dólares”, conforme exposto no mesmo

---

<sup>30</sup> Conforme registro disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=th6\\_TgyYEMY](https://www.youtube.com/watch?v=th6_TgyYEMY)

<sup>31</sup> De acordo com reportagem do portal de notícias R7 e disponível em <https://noticias.r7.com/brasil/bolsonaro-veta-internet-e-auxilio-facilitado-para-protoger-indigenas-08072020>.

<sup>32</sup> Como registrado e disponibilizado pelo canal do Catraca Livre no Youtube: [https://www.youtube.com/watch?v=MI83i\\_gEvbA](https://www.youtube.com/watch?v=MI83i_gEvbA)

pronunciamento. Para se ter uma ideia, pelo câmbio de dez de outubro de 2020, o dólar custa cinco reais e cinquenta e três centavos. Os seiscentos reais pagos como auxílio emergencial, portanto, equivaleriam a cento e oito dólares e cinquenta centavos.

Outro aspecto interessante na construção da imagem fragmentada, idiossincrática e necropolítica de Jair Messias Bolsonaro pode ser observada na manipulação da máquina pública em prol dos interesses privados, ainda que contradigam uma plataforma de governo anunciada e defendida durante o processo eleitoral que o levou ao cargo. A bandeira da luta anticorrupção, sustentada até então apesar das “baixas<sup>33</sup>” entre seus apoiadores, apresenta um novo “capítulo” na “novela” política brasileira quando, em outubro de 2020, o presidente declara<sup>34</sup> oficialmente o fim da Operação Lava Jato porque “não existe mais corrupção no governo”, como se a sua declaração tornasse a ideia um fato. A declaração torna-se ainda mais surreal quando o silêncio e a postura do político evitam dar respostas à investigação sobre o esquema de “rachadinhas<sup>35</sup>” envolvendo o filho e hoje senador Flávio Bolsonaro, quando este ainda era deputado estadual no Rio de Janeiro. As investigações apontem ainda o envolvimento da primeira dama, que teria recebido oitenta e nove mil reais depositados pelo operador do esquema (segundo o Ministério Público) e ex-policial Fabrício Queiroz e sua esposa. Sem respostas efetivas ao envolvimento da família em casos de corrupção, exigindo publicamente a apuração dos fatos e, veladamente, agindo contra as investigações<sup>36</sup>, o presidente Bolsonaro declara o fim da maior investigação já implementada contra os esquemas de corrupção envolvendo agentes públicos e empresários na história do país – a operação Lava Jato. A arbitrariedade, a impunidade e a fragilidade do pilar anticorrupção do governo vigente se vêem ameaçados pela ação dos investigadores, freados por uma medida presidencial contra o prosseguimento do processo.

Assim como a comicidade e o humor, que dependem do compartilhamento de uma cultura para dar acesso aos sentidos acionados que promovem o riso (BERGSON, 1983), a barbárie e o escárnio, a piada e o deboche, o *non sense* e o surrealismo protagonizados

---

<sup>33</sup> Como a saída do ex-juiz e ministro Sérgio Moro do governo bolsonarista, conforme registrado no vídeo do jornal O Globo e disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=3HaA2gOsh9k>.

<sup>34</sup> Como registrado em vídeo disponibilizado no Youtube pelo portal de notícias UOL, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=pc-ADrWSOJs>.

<sup>35</sup> Conforme descreve a reportagem do site jornalístico independente The Intercept em <https://theintercept.com/2020/04/25/flavio-bolsonaro-rachadinha-financiou-milicia/>.

<sup>36</sup> Como aponta reportagem do site Seu Dinheiro, disponível em <https://www.seudinheiro.com/2020/jair-bolsonaro/bolsonaro-queiroz-nyt-rachadinha-29-08/>.

pelo discurso negacionista da ciência, pela vociferação contra um inimigo imaginário personificado pelos “esquerdistas”, pode levar o campo político midiático a um esvaziamento de sentidos, onde o âmbito privado (da vida do presidente e demais políticos) passa a ter mais importância do que as questões de interesse público. Além disso, a personalização do político (figura pública) também ganha impulso pela economia dos afetos que é impulsionada pelos discursos que empregam de forma sutil e mascarada as categorias de autenticidade e sinceridade como ferramentas para a pavimentação de um populismo midiático.

O jornalismo, como esfera pública e instância de preservação desses valores, da observância sobre o equilíbrio social e o funcionamento da máquina pública em prol da governança e do Estado Democrático de Direito, têm alimentado a população cotidianamente com cenas de um “filme de ficção” da vida real. O sentido de real e realidade são misturados às tramas e reviravoltas dos folhetins e produtos novelescos, tão presentes na cultura midiática nacional.

O limite entre ficção e realidade é borrado pelo volume informacional, pelos discursos afetivos no campo político, pelos canais “alternativos” e hiperconectados que alimentam de informação (nem sempre verídica) os vieses cognitivos e herísticas em detrimento de dados verdadeiros e da multiplicidade de abordagens, pela inabilidade dos jornalistas em assumirem o papel de educadores frente aos públicos no sentido de uma educação política para e com a democracia. O humor, tomado como um gesto político (BERGSON, 1983) parece mais associado a um processo catártico de libertação das tensões cotidianas do que propriamente de reivindicação dos direitos, deveres e bom funcionamento do Estado Democrático de Direito. A necropolítica segue seu curso, seja em um viés racista sobre as classes subalternas, seja por um viés antropocêntrico, em que a natureza e os animais são colocados em segundo plano numa escala hierárquica de prioridades institucionalizadas.

## Referências bibliográficas

ARAÚJO, Willian Fernandes de; MAGALHÃES, João Carlos. Eu, eu mesmo e o algoritmo: como usuários do Twitter falam sobre o “algoritmo” para performar a si mesmos. In Anais do XXVII Encontro da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação - Compós. Belo Horizonte: 2018. Disponível em

---

[http://www.compos.org.br/data/arquivos\\_2018/trabalhos\\_arquivo\\_0UTVQBQ76VDU93C71N1A\\_27\\_6864\\_26\\_02\\_2018\\_13\\_27\\_22.pdf](http://www.compos.org.br/data/arquivos_2018/trabalhos_arquivo_0UTVQBQ76VDU93C71N1A_27_6864_26_02_2018_13_27_22.pdf)

AUMONT, Jaques. *A imagem*. Campinas: Papyrus, 2003.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I**. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

BERGSON, Henry. BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação do cômico*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1983.

BRANTS, K. De l'art de rendre la politique populaire... Ou "qui a peur l'infotainment?". In *Reseux*. N.118. p. 135-166. 2003/2.

CESAR, Camila Moreira; HOFF, Rafael Sbeghen. O humor e a produção de sentido da política: o caso do coletivo Porta dos Fundos. In **Anais do Compolítica**. Maio de 2017. Disponível em [http://www.compolitica.org/home/wp-content/uploads/2017/06/CESAR-Camila\\_HOFF-Rafael\\_O-humor-e-o-sentido-da-politica.pdf](http://www.compolitica.org/home/wp-content/uploads/2017/06/CESAR-Camila_HOFF-Rafael_O-humor-e-o-sentido-da-politica.pdf).

CIARELLI, Gustavo; ÁVILA, Marcos. A influência da mídia e da heurística da disponibilidade na percepção da realidade: um estudo experimental. In *Revista de Administração Pública*. V.43, n.3. P.541-562. Rio de Janeiro: 2009. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/rap/v43n3/02.pdf> .

CIOCCARI, Deysi; PERSICHETTI, Simonetta. Armas, ódio, medo e espetáculo em Jair Bolsonaro. In **Revista Alterjor**. V.2, n.18. 2018. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/download/144688/141608/>.

FLUSSER, Villém. *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. São Paulo: HUCITEC, 1985.

FRANCO, Maria Laura P. B. *Análise do conteúdo*. 2ª ed. Brasília: Líber Livro, 2005.

LAGO, Cláudia, BENETTI, Marcia. *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. Petrópolis: Vozes, 2007.

LEROUX, P.; RIUTORT, P.. Rendre la politique divertissante. Les talk-shows et la construction d'une expertise "populaire" de la politique. In *Television*. N.4. p. 29-42. 2013/1.

MACHADO, André Mendonça. O impacto de vieses cognitivos sobre a imparcialidade do conteúdo de inteligência. In *Revista Brasileira de Inteligência*. Brasília: Abin, n. 13, dez. 2018. Disponível em [http://www.abin.gov.br/contendo/uploads/2018/12/RBI-13\\_artigo-1\\_O-IMPACTO-DE-VIESES-COGNITIVOS-SOBRE-A-IMPARCIALIDADE-DO-CONTEÚDO-DE-INTELIGÊNCIA.pdf](http://www.abin.gov.br/contendo/uploads/2018/12/RBI-13_artigo-1_O-IMPACTO-DE-VIESES-COGNITIVOS-SOBRE-A-IMPARCIALIDADE-DO-CONTEÚDO-DE-INTELIGÊNCIA.pdf)

MAZIÈRE, Francine. *A análise do discurso: história e práticas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte*. In *Revista Arte & Ensaio*. Trad. de Renata Santini. N-1 Edições, 2018.

---

MINOIS, George. A história do riso e do escárnio. História do riso e do escárnio. [Tradução Maria Elena O. Ortiz Assumpção]. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

ORLANDI, Eni P. Análise de discurso: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2003.

PECHÊUX, Michel. O discurso: estrutura ou acontecimento. 3ª ed. Campinas: Pontes, 2002.

PENAFRIA, Manuela. Análises de filmes: conceitos e metodologias. In Anais do VI SOPCOM. Abril de 2009. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-penafria-analise.pdf>.

PIETROFORTE, Antonio Vicente. Análise do texto visual: a construção da imagem. São Paulo: Contexto, 2008.

SENETT, Richard. O declínio do homem público: as tiranias da intimidade. Rio de Janeiro: Record, 2014.